

O TREVO

Fraternidade dos Discípulos de Jesus
Difusão do Espiritismo Religioso

Aliança Espírita Evangélica
Setembro/Octubre 2021 - nº 510



COMO OLHO MEU IRMÃO?

Preconceitos nos
ensinamentos da EAE
- página 5

Não somos todos iguais!
- página 10

O olhar "normal"
- página 12

Sumário

03	Editorial	Como olho meu irmão?
04	Conselho	Fazer aos outros o que gostaria que fosse feito pra você
05	EAE	Preconceitos nos ensinamentos da EAE
06	Mediunidade	É imperioso acolher a todos
07	Evangelização Infantil	Domingo de manhã
08	Capa	Minha história com a paralisia infantil
10	Capa	Não, nós não somos todos iguais!
11	Capa	Educar a nossa fala
12	Capa	O olhar "normal"
13	FDJ	Mundo interno x mundo externo
14	Mídia	Gigante deitado, um pássaro livre no além
15	Histórias inspiradoras	Saludos desde Cuba!
16	Página dos aprendizes	
17	Notas	



Missão da Aliança

Efetivar o ideal de Vivência do Espiritismo Religioso por meio de programas de trabalho, estudo e fraternidade para o Bem da Humanidade.



alianca.org.br



trevo@alianca.org.br



facebook.com/aliancaespirita



instagram.com/aliancaespiritaevangelica



twitter.com/AEE_real



youtube.com/AEEcomunica

O TREVO

Setembro/Octubre de 2021 - Ano XLVII · Aliança Espírita Evangélica - Órgão de Divulgação da Fraternidade dos Discípulos de Jesus - Difusão do Espiritismo Religioso · **Diretor-geral da Aliança:** Luiz Carlos Amaro · **Jornalista responsável:** Bárbara Paludeti (MTB: 47.187/SP) · **Projeto Gráfico – Editoração:** Equipe Editorial Aliança · **Conselho editorial:** Alessandro Augusto Arruda Basso, César Augusto Milani Castro, Cida Vasconcelos, Cynthea C. S. S. Zanetti, Denis Orth, Eduardo Miyashiro, Elizabeth Bastos, Fernanda N. Saraiva, Janaina Silva, Rejane Petrokas, Renata Pires e Tatiane Braz Comitre Basso. · **Colaboraram nesta edição:** Amanda Oliveira Fernandes Carmona, Maria dos Santos Patrício Tenório, Maria Juraci Marques Filha e Miriam Gomes · **Capa:** Gabriel Dalalio · **Redação:** Rua Humaitá, 569 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP: 01321-010 - Telefone (11) 3105-5894 · **Informações para Curso Básico de Espiritismo e Projeto Paulo de Tarso:** 3105-5894 (WhatsApp) · CVV 188

Como olho meu irmão?

DEFICIÊNCIAS

"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

"Louco" é quem não procura ser feliz com o que possui.

"Cego" é aquele que não vê seu próximo

morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

"Surdo" é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

"Mudo" é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás

da máscara da hipocrisia.

"Paralítico" é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

"Diabético" é quem não consegue ser doce.

"Anão" é quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois: "Miseráveis" são todos que não conseguem falar com Deus.

O poema acima, que dizem por aí ser de Mário Quintana, mas um pesquisador diz ser de Emílio Ribeiro, nos faz refletir sobre o que é PcD ou pessoa com deficiência. Por emergir um anseio social de sermos vistos, ouvidos, respeitados e aceitos como somos é que também abrimos nossos olhos e ouvidos para perceber uma diversidade ainda maior daquela que já conhecíamos.

Em conversa com intérpretes de libras, nos sugeriram fazer autodescrição ao fazermos uma live, pois os cegos criam o cenário a partir de nossa descrição, "eles veem com os ouvidos".

Ao buscar mais informações sobre o tema, vimos que temos cerca de 45 milhões de pessoas no Brasil com alguma deficiência, é um público bem expressivo; a questão mais importante é: como estamos nos relacionando com esses irmãos? Parece uma pergunta simples, mas ela se desdobra em vários ângulos. Cuidar da acessibilidade de nossas casas é um bom sinal, tratá-los como irmãos é outro sinal muito importante, pois são cidadãos, são pessoas que querem e merecem ocupar seu espaço na sociedade, não querem ser carregados, querem participar de cursos,

palestras e expor suas opiniões.

Para tanto pedem que olhemos com carinho para as suas reais necessidades, somos espíritos em uma experiência na terra, é uma frase repetida muitas vezes entre nós. No entanto, nossas ações, às vezes, demonstram que valorizamos muito mais o corpo do que o espírito ali encarnado.

A melhor parte de tudo é que estamos aprendendo a olhar, a sentir e agir. Que possamos nos unir em torno deste chamamento que O Trevo nos faz nesta edição: como olho meu irmão?

Luiz Amaro é diretor-geral da Aliança

Fazer aos outros o que gostaria que fosse feito pra você

A equipe editorial de O Trevo tem trazido, nas últimas edições, temas que nos convidam a refletir sobre valores e atitudes que pensamos como fundamentais para uma sociedade em evolução, que caminha na construção do mundo de regeneração. O racismo tratado na primeira edição do ano, o convite à abertura para mudanças constantes com os temas Zona de Conforto e Conservadorismo, o aprofundamento do que sejam as Tentações e, agora, o assunto Deficiências e Capacitismo.

Mas o que vem a ser o capacitismo mesmo? Esse termo passou a ser utilizado bem recentemente no Brasil, a partir de 2014, para se referir ao preconceito acerca das pessoas com deficiência e uma concepção de que elas são menos capazes, dada sua condição corporal, para viver suas vidas com autonomia e possibilidades de estudo/trabalho/relações conjugais entre outras experiências humanas.

Mesmo entre os materiais de estudo espírita, há pouca publicação e reflexão sobre o assunto. No Livro dos Espíritos, pergunta 371, os espíritos respondem a Kardec que muitas vezes em um corpo com deficiência há uma "alma humana, muitas vezes mais inteligente do que pensais, que sofre da insuficiência dos meios que tem para se manifestar."

Ficou bastante conhecida também uma entrevista em que Chico Xavier responde a Hebe Camargo e Nair Belo em 1985 sobre a relação entre o suicídio em uma reencarnação recente como

causa da deficiência na vida atual. O livro Deficiente Mental. Por Que Fui Um?, de psicografia de Vera Lucia Marinzeck, traz relatos de espíritos sobre sua última reencarnação em diferentes condições e deficiências, além das diferentes causas para uma reencarnação com essa condição.

Buscando ampliar o que compreendemos sobre o assunto, Rossandro Klinjey, escritor e psicólogo, enfatizou em vídeo de 2018 que a deficiência não é punição. Esse material, ao relatar a experiência de uma família espírita em que um membro tem síndrome de Down, nos convida a não termos "conceitos fechados" sobre o nascimento de uma criança com a síndrome, uma vez que há sempre particularidades na reencarnação. O palestrante espírita reitera que estamos todos na Terra em resgate, não só o grupo de espíritos que reencarna em um corpo com alguma limitação.

A deficiência pode ser congênita, quando vem com o nascimento da pessoa, ou adquirida, como consequência de acidentes ou doenças degenerativas. Nas últimas décadas, com as tecnologias de saúde e a garantia de sobrevivência de bebês prematuros e a intervenção de tratamentos de saúde, além de termos alargado o nosso tempo de vida para décadas além de 80, 90 e às vezes mais de cem anos, com o envelhecimento assistimos a diferentes impactos para o corpo físico, a memória e assim o surgimento de limitações e deficiências de mobilidade, audição, visão e

capacidade intelectual.

O próprio Edgard Armond, aos 44 anos de idade, após acidente de carro e a fratura dos joelhos, esteve durante seis meses com grandes limitações de mobilidade, sem praticamente poder andar sem apoio de muletas. Conforme relata Ismael Armond no livro Edgard Armond, meu pai, "tudo o que aconteceu era para que ele pudesse, a partir da sua recuperação, trabalhar para o Espiritismo".

Essa edição é um convite que fez Jesus, de fazermos aos outros aquilo que gostaríamos que fosse feito para nós.

E como serão os centros espíritas num futuro breve? Conseguiremos conceber na arquitetura das casas os princípios da acessibilidade universal que beneficia não só pessoas com deficiência física e sensorial, mas idosos, gestantes e pessoas com alguma restrição temporária de movimento? Conseguiremos proporcionar acessibilidade atitudinal, tendo o acolhimento, entendimento, disponibilidade às diversas condições do humano?

Bom, fica o convite... Jesus disse que poderíamos fazer o que ele fez e muito mais! Hoje pessoas que não falam podem se comunicar com sinais e com a tecnologia, cadeiras de rodas automáticas podem percorrer diferentes acessos (até na praia), as terapias e os recursos atualmente progredem a cada ano, confirmando que Jesus tinha vindo para que tivéssemos vida em abundância.

Conselho Editorial de O Trevo

Preconceitos nos ensinamentos da EAE

Preconceitos em geral estão em alta na pauta das discussões globais. E isso é um claro sinal de evolução. Pode parecer muitas vezes que estamos regredindo, ao conhecer tanta maldade de que somos capazes ao diferenciar de maneira discriminatória e machucar tanto os nossos semelhantes, mas ao mesmo tempo é importantíssimo que sejamos capazes de trazer tudo isso às claras e até criminalizar estes comportamentos.

Dentre os preconceitos que são evidenciados e até nominados especificamente destacamos o capacitismo, que, na verdade, tem um olhar mais velado e vem sendo transformado na maneira de ser visto e tratado, mesmo do ponto de vista de referências nominais.

O deficiente (visual, de fala ou audição, de capacidades mentais ou físicas) sempre recebeu denominações – na bíblia, nos livros sagrados em geral, na literatura espírita mais antiga e tradicional – que hoje são consideradas pejorativas e ofensivas e que merecem ser revistas.

Eram chamados cegos, surdos, mudos, aleijados, paralíticos, idiotas, possuídos por demônios. Eram alijados do convívio

humano, simplesmente pela incapacidade que a maioria de nós, até hoje, tem de lidar com o diferente e o que demanda de nós mais esforço físico e mental para enquadrar nos modelos “normais”.

Definitivamente a EAE trata o olhar, acolher e incluir no processo de reforma íntima o reconhecimento dos preconceitos que temos, sofremos e exercemos em nós mesmos. E numa renovação do programa, da linguagem e das referências bibliográficas que estão em curso a imersão ainda mais profunda em como temos estes comportamentos incutidos em nossa personalidade de maneira estrutural é fundamental.

O processo iniciático da EAE demanda coragem para desbravar o nosso interior e persistência para esta mudança. Olhar para nosso capacitismo, ou seja, identificar o quanto temos este preconceito que resulta na dificuldade em lidar com pessoas com características que os diferenciam das normalidades a que estamos acostumados culturalmente, demanda muito mais de piedade, misericórdia e caridade, tão facilmente associados ao tratamento destas criaturas.

É preciso reconhecer

a nossa dificuldade e enfrentar a mudança de visão. Na EAE, temos aulas onde focamos o preconceito em geral, como as aulas do primeiro ano, quando falamos do encontro de Jesus com a Samaritana, daqueles que duvidavam das capacidades de Jesus por ser originário de Nazaré, quando falamos das parábolas como a do Bom Samaritano ou a do rico que não entra do Reinos dos Céus.

Já no 2º ano, temos aulas específicas para discutir preconceitos e aulas de Vida Plena para aprofundar o nosso olhar íntimo sobre eles. No 3º ano, exploramos isso ao falar sobre a propagação da doutrina, e sobre as convivências dos iniciados nos diversos ambientes em que vive e socializa.

Mas sempre há espaço para mais e isso é parte da evolução da EAE, junto com a evolução do olhar global sobre o quanto somos discriminatórios com quem é diferente de nós. E a equipe do Projeto EAE/FDJ está ligada. Se você quiser contribuir com o projeto, fazer parte desta equipe, fale conosco projetoaefdj@gmail.com.

**Cida Vasconcelos é
da Equipe Projeto EAE/
FDJ e do Centro Espírita
Renovar/Regional São
Paulo Centro**



É imperioso acolher a todos

"Inteligência é a capacidade de se adaptar a mudanças"

Stephen Hawking

Estamos no planeta para evoluir e para fixarmos na matéria - a mais lenta vibração do Universo - todo aprendizado que necessitamos.

Para tanto, precisamos nos manifestar e executar funções que serão aos poucos refinadas até que atinjamos a perfeição.

Para operar essas funções precisamos de estruturas (corpo físico) que foram desenvolvidas ao longo da evolução do ser, culminando com a evolução anímica.

A tão necessária Reforma Íntima nada mais é que o ressignificar dessas atividades que vão desde a maneira como nos alimentamos até as manifestações de nobres sentimentos.

À medida que vamos executando bem estas ações, aperfeiçoamos a química que melhora a estrutura, melhorando cada vez mais a própria função.

O contrário também ocorre, e no caso de

não desempenharmos adequadamente estas funções, podemos lesar a forma até a sua deformidade, ou provocar mesmo a mutilação de partes destas estruturas.

As deformidades e mutilações impressionam nosso veículo perispiritual de tal maneira que podemos carregar para outra encarnação essas consequências, as quais, no entanto, não devem ser encaradas como pecados, castigos ou expiações. Tal ponto de vista coloca-nos no lugar de vítimas, de "coitados" ou mesmo de seres menores, além de dificultar-nos a compreensão de que podemos executar as práticas evolutivas de outras maneiras.

Por outro lado, sabemos que capacitismo, de forma resumida, é o conjunto de atitudes preconceituosas que discriminam e subestimam a capacidade das pessoas com deficiências.

Para o Espiritismo, tudo tem sua causa e efeito. A visão madura da Doutrina alça-nos à dignidade das próprias conquistas e do corajoso enfrentamento dos equívocos pessoais.

Paralelamente conclama

à solidária conduta para com as dificuldades e limitações do próximo. É a vitória da igualdade para além das aparências ou de qualquer tipo de exterioridade. Estamos todos no mesmo barco.

A evolução chegará para todos, tanto para aqueles que executam bem suas habilidades remanescentes, como para aqueles que se demoram no desânimo diante da prova.

Nós, discípulos de Jesus, devemos incentivar a educação para mostrar que outros talentos sempre podem ser acionados, sem interrupção do processo evolutivo, preservando-se a autoestima e elidindo o cultivo da dor de ser reduzido a mero portador de necessidades especiais.

Imperioso acolhermos a todos e valorizarmos a vida. O espírito imortal tem atributos e forças inimagináveis que agem sobre o corpo. Podemos utilizar esses recursos para não estagnarmos diante dos limites transitórios que nos são propostos ou que são apresentados aos nossos irmãos de jornada terrestre.

Equipe Mediuinidade

Domingo de manhã

O que é capacitismo? Capacitismo é a discriminação e o preconceito social contra pessoas com alguma deficiência. O capacitismo pode ser relacionado às pessoas com deficiência, assim como o machismo para as mulheres ou o racismo para negros.

Era mais um domingo de manhã e lá fomos nós para a Evangelização Infantil. Atividades pré-preparadas, aula estudada e material cuidadosamente

Os pais vieram, não estávamos entendendo o que estava acontecendo, não sabíamos o que fazer. A mãe veio, pegou seu filho, que apenas gritava e

Tive uma semana para buscar informações a respeito do TEA e como lidar com ele, pensando em me preparar para o próximo encontro, o que não foi suficiente. A criança continuava com postura agressiva e assim foi por algum tempo.

Então, foi preciso mudar o foco, não me preocupar tanto com a aplicação da aula que havia sido preparada de forma lógica e estrutural. Foi necessário oferecer a mensagem evangélica de outra forma,

separado, ambiente místico. Tudo pronto, tudo certo. Abrem-se as portas e vão chegando os pais, as mães e as crianças, vão passando pelo passe de harmonização, plantão e então chegam à sala da Evangelização.

Epa! Uma criança que não para de gritar. Tadinha, deve estar irritada, brava, mas daqui a pouco vai passar. Vamos ouvir música, contar história, fazer atividades lúdicas. Já, já, ela vai se distrair, se acalmar e vai parar de chorar. Não parou nem por um minuto.

O desespero foi tomando conta, as crianças em volta estavam assustadas e choravam também, as turmas das outras salas vieram ver o que estava acontecendo.



chorava, e foram embora!

Somente no final da aula soubemos que a criança tinha o diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista). É importante ressaltar que deficiência não é doença, portanto, não há cura, só existe cura para aquilo que é doença.

para que os pequenos (até cinco anos) pudessem captar, assim como olhar para aquela criança com TEA da mesma forma como olhava para as outras, pois cada uma tem suas características diferentes, suas dificuldades, suas limitações.

Fui respeitando o limite de cada uma, trazendo sempre para perto com um olhar, com uma atenção maior, sempre mostrando o amor, o carinho e o respeito, como uma família.

Aprendi e continuo aprendendo com elas. São tantos anos de convivência e tanta coisa melhorou, até recebo beijos e abraços!

Maria Juraci Marques
Filha é do Centro Espírita
Abrigo do Caminho/
Regional São Paulo Norte

Minha história com a paralisia infantil

Meu nome é Maria dos Santos, sou filha de imigrantes portugueses. Meus pais vieram para o Brasil ainda muito jovens, no ano de 1951, já trazendo meu irmão com 10 meses de idade. Nasci em 1952, nessa época estava tendo uma grande pandemia da poliomielite ou paralisia infantil. Fui uma das milhares de crianças que contraiu a doença nesta época, tinha nove meses e, assim como hoje, sobre a covid, pouco se conhecia sobre a pólio.

Os hospitais ficavam lotados de crianças morrendo, quando não já sequeladas com membros paralíticos. A medicina teve que rapidamente se reinventar, os primeiros socorros para as crianças da época eram ventilação pulmonar mecânica, por isso foi criado o Pulmão de Aço, os respiradores automáticos (que hoje estão salvando tantas vidas), assim como foi criada a UTI, a primeira vacina que foi dada de forma universal, entre tantas outras coisas.

Tudo foi se adaptando às necessidades, primeiro das crianças, como vídeos que passavam no teto, para as que só ficavam deitadas, aparelhos mecânicos para que elas pudessem andar.

Houve mudanças também no campo da fisioterapia, que passou a ser mais valorizada, as crianças sobreviventes cresceram e se tornaram adultas, com novas necessidades sociais e precisando de cadeiras motorizadas, carros, mobiliários, espaços físicos: tudo adaptado.

Passei minha infância e parte da juventude na ortopedia do Hospital das Clínicas de São Paulo. Conforme íamos crescendo, precisávamos de cirurgias. Ficávamos em grandes enfermarias com mais ou menos oito leitos cada uma e que pegava todo o andar do prédio. Apesar do ambiente ser de sofrimento, éramos apenas crianças, felizes e só queríamos brincar.

Aos 14 anos, recebi alta e fui viver a minha vida. Fiquei com sequelas, mas nada que me impedisse de realizar o que queria. Andava bem de ônibus, metrô, fui estudar, trabalhar, casei, tive dois filhos, presentes de Deus! Não tive mais contato com as pessoas que tiveram a pólio e conviveram comigo nos meus anos de internação.

Lá pelo ano de 2005, comecei a sentir fraqueza em minhas pernas, não tinha ideia do que era. Já andava com bengala,

quando uma pessoa, hoje uma grande amiga, me viu andando com muita dificuldade e perguntou se eu conhecia a síndrome pós-pólio. Claro que não conhecia e então ela me levou para a Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), lá havia pesquisa sendo feita a respeito dela. Lá descobri que o que meu corpo sentia - fraqueza muscular recente, nova atrofia nos membros, fraqueza nos músculos, fadiga excessiva - vinha desta síndrome.

Foi quando voltei a encontrar muitas pessoas que tiveram a pólio, agora já adultas, bem-sucedidas com muita luta, com famílias constituídas e com histórias maravilhosas. O que pude e posso observar é que não só éramos crianças felizes, como somos adultos felizes, mas com muita garra pra conseguir nossos direitos. Novamente estamos na ativa, presentes, embora a medicina achasse que não iríamos sobreviver.

O número grande e crescente de deficientes em São Paulo e no Brasil em geral, fez aumentar a pressão para serem criadas leis de acessibilidade e inclusão.

Em 1998, conheci a Aliança Espírita Evangélica, que para mim foi um

divisor de águas. Cresci muito espiritualmente e agradeço a toda espiritualidade por me ter dado a oportunidade de conhecer essa seara bendita. Fiz EAE, todos os cursos que me foi possível e me tornei uma trabalhadora e estou na ativa até hoje.

Contei toda essa história pra dizer que vendo todos que tiveram pólio que conheci quando criança e depois como adulta, conheci apenas uma pessoa, realmente revoltada por suas condições físicas. Somos muito alegres e felizes e quem tiver a oportunidade de nos ver juntos em locais públicos pode confirmar isso.

Na minha visão, viemos em muitos e ao mesmo tempo, lógico cada um com suas dívidas a pagar, mas também com a missão de fazermos evoluir a medicina e fazer do mundo um lugar melhor para os que têm, assim como nós, necessidades específicas. Conseguimos as leis, a luta agora é para fazermos com que elas sejam cumpridas.

O que sempre observei e tenho observado: cadê as pessoas com deficiência nas casas espíritas?

Eu sendo a única, até onde frequentei eventos espíritas, como pedir para que nas casas, onde ia, sempre com muitas escadas, que eu pudesse ficar no térreo? Eu era

simplesmente ignorada!

De todas as pessoas com deficiência que conheço e conheci em toda essa trajetória que contei, não só no Brasil como em outros países, sou a única espírita e quase todos são religiosos. Uma delas é católica e dentro de um dos movimentos a que pertencço como pessoa com deficiência, para tornar as igrejas católicas acessíveis, nos foi pedido que fôssemos às missas uma vez ao mês, para mostrar que há necessidade de acessibilidade pondo rampas ou elevadores nas entradas e altares, coisa que tenho feito há alguns anos e já estamos vendo resultados.

Como fazer esse movimento nas casas espíritas se sou a única, pelo menos na minha casa? Quantos espíritas com deficiência existem hoje frequentando as casas espíritas? Por que somos tão poucos dentro do movimento? Por que há tantos outros em outras religiões?

Não seria maravilhoso se todos pudessem conhecer essa doutrina já que falamos tanto em igualdade e fraternidade? Será que não está faltando falarmos um pouco de equidade também?

Hoje ando de cadeira de rodas. A casa que sempre pertenci é o Templo da Reforma Íntima, que sempre teve a preocupação

de ser acessível, por essa razão que ainda consigo trabalhar até hoje.

Quando vou ativar os chakras já não consigo pôr os pés no chão. Já não consigo levantar o braço para ativar o coronário. Será que não posso fazer com o pensamento? Se não posso, o que vou fazer com a minha mediunidade?

Seria maravilhoso se uma pessoa com deficiência física pudesse chegar a qualquer lugar e pudesse entrar com suas bengalas, suas cadeiras de rodas, principalmente em nossas casas espíritas, sendo acolhidos com o mesmo respeito, amor e empatia que os demais trabalhadores ou assistidos. Assim como também os cegos pudessem contar com pisos táteis, como os surdos que pudessem ter um tradutor em libras para assistir uma preleção e fazer Escola de Aprendizizes.

O que todos nós queremos é o direito constitucional de ir e vir, coisa que um simples degrau, por menor que seja, nos tira o direito. O que precisamos são olhares, não de preconceito nem de dó. Só olhares de carinho, respeito e caridade que facilite as nossas vidas.

**Maria dos Santos
Patrício Tenório é do
Centro Espírita Templo da
Reforma Íntima/Regional
São Paulo Norte**

Não, nós não somos todos iguais!

Você já parou para pensar como lida com as diferenças? Como você olha para aquela pessoa que não tem um braço e sai do mercado carregando sacolas? O que você sente quando está dentro do ônibus, e ele para no ponto para um cadeirante entrar? Ou, quando uma criança com deficiência intelectual se aproxima e interage com você, o que faz? Façamos uma análise dos sentimentos que situações como estas, ou parecidas, nos despertam e o que elas nos dizem sobre inclusão social e afetiva.

Falar sobre inclusão, ou seja, da capacidade de oferecermos, por meio de ações e meios, oportunidades de acesso iguais a todos, respeitando e compreendendo as necessidades de cada um, não é tema fácil. Diz muito de como nos organizamos socialmente, de legislação, de política, mas também de como nos vemos coletivamente e temos trabalhado nossa empatia e respeito ao próximo. Sabemos que há inúmeras leis, fruto de muitas lutas de pessoas com deficiência (PcD) e seus familiares, porém também temos conhecimento do desafio que é a acessibilidade e a garantia de cumprimento destes direitos. Pergunte para uma mãe de uma criança com deficiência intelectual em quantas escolas ela foi para matricular seu filho, ou como é para uma pessoa cega circular pela cidade, ou

como um rapaz universitário surdo tem acompanhado suas aulas.

Culturalmente e como sociedade, somos presos em padrões e normas que se modificam de tempos em tempos, que nos delimitam e ditam o que é "normal". Quando olhamos ao nosso redor, percebemos a quantidade de pluralidade e diferentes formas de ser e estar no mundo, que vão nos levando a questionar essa tal "normalidade". Seja pela cor da pele, pela condição social, pelos comportamentos, pelo gênero, por ter uma deficiência ou um transtorno mental, as diferenças entre nós são reais e nos convidam diariamente a um exercício de respeito e compreensão ao próximo. Por isso, sim, não somos todos iguais! E por não sermos iguais, precisamos equalizar as condições sociais que temos e o modo que olhamos uns para os outros, com mais respeito e empatia.

Incluir pressupõe uma sociedade que exclui as diferenças, e nós somos a sociedade. É no cotidiano, nos olhares que temos, comentários e comportamentos que vamos excluindo, mostrando que o outro não é igual, e por isso é tratado com diferença. Começando por ter clareza que uma pessoa COM deficiência (PcD), não é o mesmo que SER deficiente. A pessoa tem uma condição de impedimento a longo prazo, mas ela não se resume àquela condição. Ela pode ser muitas coisas que ela desejar, e a deficiência não a define, nem a delimita.

Assim como sabermos naturalizar que diferenças existem e cada um irá se organizar para realizar suas atividades com as condições que possui. É muito comum impressionar-se ou ter um comportamento que infantiliza as PcD, como se tudo que fizessem fosse uma superação ou como se não fossem capazes de compreender.

A dificuldade está dentro de nós. Não conseguir olhar e respeitar o outro diz da nossa deficiência de empatia, compreensão, paciência e tolerância. Escutar, perguntar com humildade, se direcionar às pessoas sem subestimá-las são caminhos para aprendermos a ser mais empáticos e auxiliar a termos uma sociedade mais inclusiva. As redes sociais têm sido importantes para dar voz a PcD. Vale seguir dois perfis no instagram que levam com muita leveza o tema: @ivanbaronn e @pequenalo.

Ao lidar com o próximo e viver em sociedade, nosso aprendizado é constante. Olhar para o outro, além das suas diferenças, e garantir que eles estejam em sociedade é pensar como podemos aprender como coletividade. Que possamos estar de olhos, ouvidos, braços e coração abertos para nos conectar uns com as diferenças dos outros.

**Amanda Oliveira
Fernandes Carmona é do
CEAE Manchester e Irmã
Nice/Regional São Paulo
Leste**

Educar a nossa fala



Capacitismo é um termo relativamente novo para muitos de nós. O convívio com pessoas com deficiências nos ajuda a despertar para a busca de uma maneira correta de pensar, agir e falar. Correta no sentido de não desvalorizar, não subestimar e não romantizar as experiências de nenhum companheiro.

E, nessa busca, além do nosso olhar, precisamos também educar a nossa fala. Muitas expressões, por mais comuns e usuais que sejam, guardam uma essência capacitista, mesmo quando nossa intenção é de elogiar, acolher ou auxiliar.

Vejamos alguns exemplos de frases que podem manifestar capacitismo:

"Coitado, ele é deficiente" ou "Quando penso em reclamar, lembro de você." A pessoa com deficiência não é coitada, não foi castigada por Deus,

não é alguém para inspirar pena e muito menos uma pessoa inferior. É alguém que, como todo mundo, tem suas necessidades, seus desafios, suas possibilidades e merece respeito.

"Ela é tão linda, pena que é cadeirante." É possível ter beleza (interior

ou exterior) e precisar de uma cadeira de rodas para se locomover, uma circunstância não exclui a outra e não deveriam nem ser relacionadas.

"Que exemplo de superação!" A ideia é elogiar, mas essa fala pode guardar preconceito se quem a diz ainda entende a deficiência como algo que inferioriza, limita ou define as pessoas.

"Nem parece autista." Quem está no espectro autista, que é bem amplo, muitas vezes passa por um exaustivo processo de diagnóstico e não cabe a nós questionarmos se ela é autista ou não ou como um autista deve se parecer. Cada um de nós é único.

"Para alguém deficiente, você até que consegue fazer bastante coisa sozinho." Mais uma frase que parece um elogio, mas que no fundo reforça a ideia de que pessoas com deficiências não

conseguem realizar suas atividades cotidianas ou fazer o que desejam.

"Você é muito especial, por isso foi escolhida pra ter um filho especial." O que as mães e pais de crianças com deficiências precisam é de empatia, acolhimento, políticas públicas de inclusão e acessibilidade para seus filhos. Se cada um de nós reencarna com seus compromissos, não existe quem seja "especial", somos todos humanos.

Há também expressões mais populares que, apesar de não serem dirigidas às pessoas com deficiência, as colocam num contexto de inferioridade ou de crítica, ressaltando um teor pejorativo, como em: "Nós não temos pernas para fazer isso", "Nossa equipe não tem braços pra isso", "Que mancada!", "Você está surdo?", "Parece até cego", "Que retardado", "Finge demência", entre outras.

Assim, combater o capacitismo em nós surge como mais um caminho a percorrermos em nosso processo de Reforma Íntima. Se "a boca fala do que o coração está cheio (Mat 12-34)", eduquemos nosso coração para que nossa fala seja de amor, caridade e respeito.

**Tatiane Braz Comitre
Basso é do Núcleo Espírita
Amor Fraterno/Regional
Litoral Sul**

O olhar "normal"



com 16 e 18 anos naquela época. Beto e Mário eram esqueléticos, sem capacidade de andar, falar, nem comer sem ajuda. Desencarnaram quase na mesma época, depois de mais de uma década no Lar. Entretanto,

de Médiuns sem nenhum prejuízo. Assim também aconteceu com a Aline, que veio depois para o Lar.

Os visitantes, quando os viam na aula, sempre pensavam que era uma espécie de concessão que lhes era feita, para alegrar suas vidas. Entretanto, quem acompanhou de perto suas atividades, percebeu que eles têm capacidade de captar a influência da espiritualidade superior, de expressar sentimentos e de compreender o conteúdo transmitido sem grandes diferenças das pessoas sem deficiência.

Por isso, talvez a diferença que há entre "nós" e "eles" é a acuidade da percepção do mundo, que possuem em maior grau. Nós falamos e eles expressam. Nós vemos e eles percebem. Nós caminhamos e eles aceitam ser levados por nós.

Quando nos deparamos com uma pessoa com deficiência, o que vemos? Desenvolvemos a capacidade de olhar com melhor percepção? Ou ainda vemos apenas "esta" dimensão? É preciso aprender a olhar.

Caso queira saber mais sobre o Lar da Redenção, acesse: <http://www.lardaredencao.org.br/>.

Eduardo Miyashiro
é do **C. E. Caminho da**
Redenção e do **C.E.**
Renovar/Regional São
Paulo Centro

Quando conhecemos uma obra social para crianças com deficiências, em geral, sentimos uma alteração em nosso estado emocional. É uma mescla de admiração, choque, compaixão, curiosidade, pena, surpresa, carinho...

A 32ª turma da Escola de Aprendizes do Evangelho do CEAE Genebra fundou o Lar da Redenção em 1982, após quase dois anos de visitas mensais às crianças internadas na Casa da Criança Jesus Gonçalves, departamento do Hospital Francisca Júlia do CVV.

Houve uma gradativa mudança em nossos sentimentos, da comoção para a atenção cuidadora e para o dever de trabalhar. Momentos que se alternaram com o nosso aprendizado para trabalharmos como equipe, o que não foi nada fácil.

Entre as crianças, havia dois irmãos de ascendentes orientais, com paralisia cerebral em alto nível, já

transmitiam paz e tranquilidade, mesmo nas crises. Tinham uma sabedoria de vida que só era percebida quando se observa com atenção, além dos problemas do corpo físico.

O Alex também está conosco desde a fundação. Ele, que não conseguia andar em São José dos Campos, começou a fazê-lo praticamente quando chegou em São Paulo. Foi um dos primeiros a reconhecer que o Lar da Redenção, embora formado por voluntários inexperientes, teria condições de criar um ambiente de mais apoio para o desenvolvimento.

Embora ele não articule palavras como costumamos fazer, sua inteligência, percepção, entusiasmo, sensibilidade são superiores à maioria de nós. Não se impacienta quando nós não conseguimos entendê-lo. E conseguiu acompanhar a Escola de Aprendizes do Evangelho e o Curso

Mundo interno x mundo externo

"Discípulo é satisfeito com o mundo e insatisfeito consigo mesmo." (Edgard Armond)

Quase todo discípulo já leu ou escutou essa frase em sua passagem de grau e ingresso à FDJ. E como temos compreendido essa passagem? Temos recordado e refletido o que ela significa para nós?

Ela surgiu quando Armond buscava dar orientações aos discípulos em sua jornada pela estrada do discipulado.

Satisfeito com o mundo. Um discípulo satisfeito com o mundo seria aquele que é rebelde e sente desejo de seguir através da luta e confronto e que precisa se segurar para não fazer nada?

Seria aquele que ignorando que evolução é trabalho, é ir ao encontro do necessitado, é olhar para a oportunidade de fazer o bem e se dedicar profundamente para isso, é perceber as injustiças e levar o conforto e amor, é trabalhar com todo esforço possível para a fraternização das relações, é perceber que o ser humano é ser humano independentemente da sua cor, sexo, religião, país de origem, e assim preferir continuar com suas visões e convicções, num sentimento de "eles e nós"?

Seria aquele que entende que satisfeito com o mundo é aquele que compreende a limitação e necessidade do ser humano, de todos nós enfim, e busca através do amor, da fraternidade, da compreensão, o trabalho ao próximo, hastear a bandeira do evangelho, do exemplo de Jesus, dos apóstolos?

Muitas perguntas podemos nos fazer e ainda continuarmos com dúvidas. E nesse ponto, outra frase de

Armond para os discípulos pode nos dar alguma dica. É a que diz que Paulo é o exemplo a ser seguido pelos discípulos. Entretanto na mesma pessoa, vemos duas atitudes diferentes em momentos diferentes da vida.

Vemos um Saulo revoltado e um Paulo resignado, compreendendo que o mundo mudará com a evangelização dos corações, não com guerras e imposições. Vemos um Saulo buscando a justiça de forma tresloucada e um Paulo buscando o equilíbrio das palavras, das ações, refletindo o que diz, da postura firme quanto ao que é justo com base no amor universal e no evangelho. Vemos um Saulo fazendo acusações com base em sua própria paixão e um Paulo compreendendo as escolhas de Thiago na condução da Casa do Caminho. Paulo, um espírito que traz tantos exemplos para nós discípulos quanto a sua transformação e compreensão sobre o que o mundo necessitava.

Com Paulo, entramos na segunda parte da frase. Insatisfeito consigo mesmo.

Um discípulo insatisfeito consigo mesmo tem um mundo para mudar. Um mundo interno, cheio de visões, conceitos, preconceitos, que tenta resistir e conformar o externo a sua própria visão. Um mundo marcado por inúmeras experiências que exalam vibrações e tendências em nós mesmos, e que buscamos transformar, amenizar, deixar para trás, reforçar e exaltar aquelas que são boas e valem a pena continuar praticando. Um mundo onde buscamos perdoar a nós mesmos e aos que nos fazem mal, olhar para o presente e para o

futuro, com a fé em Jesus, em seu evangelho, em Deus. Onde buscamos viver o agora, não com vistas para o imediatismo, mas, sim, para que aprendamos a observar o que nos acontece, como reagimos, como escolhemos reagir, como percebemos as dádivas que ocorrem a todo instante, mesmo no meio do que chamamos de caos.

Muitas vezes nossos mundos internos se interconectam outros internos. Mundos com experiências diferentes, visões de mundo diferentes. E quando isso acontece, tendemos a apontar o que aquele mundo precisa mudar, precisa compreender. Nessa hora, podemos nos perguntar o porquê estamos aqui, fazendo parte dessa fraternidade chamada Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

Foi simplesmente uma ocorrência no caminho escolhido ou foi algo consciente, presente? Uma fraternidade, como lembra Marta Galego Thomaz, é quando um grupo de pessoas, ligadas pelo mesmo ideal, se une para trabalhar por esse ideal. A FDJ, como uma fraternidade, congrega aqueles que estão ligados pelo mesmo ideal, de se tornarem "Testemunhos Derradeiros do Evangelho Redentor".

Convidamos a todos os companheiros a renovarmos os nossos ideais, os compromissos, as energias nesse trabalho junto a essa fraternidade, junto a Jesus. O momento atual é um momento de renovação do planeta, mas também de renovação do nosso compromisso assumido como discípulos de Jesus.

Denis Orth é da Equipe de Apoio EAE-FDJ

Gigante deitado, um pássaro livre no além

Muitas vezes alguém nos recomenda uma leitura e logo que iniciamos temos a certeza de que não vai nos interessar, mas insistente que sou, vou sempre até o final.

Não podem imaginar como esta leitura me cativou. Confesso que quando interrompia a leitura, não via a hora de retomar. Quanto aprendizado! Quantos exemplos!

Estou falando do livro *O Gigante Deitado - Vida e obra de Jerônimo Mendonça*, de autoria de Jane Martins Vilela, 7ª edição, agosto de 2016, Casa Editora O Clarim.

Conta este livro, resumidamente, a história de Jerônimo Mendonça Ribeiro, que ficou conhecido pelo Brasil afóra como “O Gigante Deitado”.

Jerônimo, filho de família pouco abastada, era ainda menino quando começaram as fortes dores nas articulações, principalmente nos joelhos e nos tornozelos. Aos 18 anos caminhava com muita dificuldade. Logo precisou de uma cadeira de rodas e, com o agravamento da doença (artrite reumatoide), uma cama ortopédica projetada pelos benfeitores espirituais que o acompanhavam nesta

encarnação. Interessante isso. Está lá no livro a história da cama.

Apesar de suas condições físicas limitadíssimas (viveu por 32 anos preso ao leito, parálítico e com agravante perda de visão) não se deixou abater por elas. Até o último dia de sua vida física dedicou-se integralmente ao trabalho beneficente em favor dos mais necessitados na cidade de Ituiutaba-MG, onde viveu.

Jerônimo, com sua inteligência vivaz, seu espírito alegre e brincalhão, apesar de suas restrições físicas sempre aconselhava aos que o procuravam com seu permanente bom humor.

Provas, expiações ou tarefa missionária? Ninguém soube dizer.

Nem mesmo quando Jerônimo se apresenta nas reuniões mediúnicas revela a causa de tanto sofrimento quando encarnado. Apenas diz com a voz carregada de emoção: “Sou o Pássaro Livre”, invariavelmente vestido com o seu indefectível terno branco.

A maioria de nós está longe de aprender tais lições! Temos a mania de nos compararmos uns aos outros reclamando com

impaciência dos percalços em nosso cotidiano. Muitas vezes culpamos o outro ou até mesmo Deus pelos nossos fracassos e contrariedades.

Esquecemos que “a cada um segundo suas obras” e que o nosso fardo é proporcional à nossa força, assim como a recompensa é estruturada à nossa coragem e resignação na aceitação do peso das nossas provas e expiações.

Mas nunca estamos só! Jerônimo contou com amigos que cuidavam para diminuir seu sofrimento e o transportavam para todos os lugares onde sua presença era um refrigerio para os que sofrem, esquecendo-se de seu próprio sentimento.

Aproveite! São 62 pequenas histórias da vida do “gigante” recheadas de humor e caridade.

Cynthea C. S. S. Zanetti
é do Grupo Fraternidade
Cristã/Regional São Paulo
Oeste

O Gigante Deitado

Autor(a): Jane
Mrtins Vilela
Páginas: 176
Editora: O Clarim



Saludos desde Cuba!

Os nossos amigos cubanos Luiz Andrés Álvarez, o Andrecito, e Yohania Martí Pompa, a Yoha, conheceram o Brasil no Encontro Geral de Mocidades de 2018 e várias regionais da Aliança e seus trabalhos, além de passear nas cidades que ficaram, junto com um grupo da Mocidade de Cuba e da Argentina, além de amigos que também foram para RGA.

O Trevo teve uma conversa via WhatsApp em 2021 para saber como estão. Eles ficaram à vontade para escrever em espanhol ou em português.

Trevo: ¿Cómo llegaste al Espiritismo?

Yoha: Conheci pelo meu pai, que era espírita de cordão... Uma espécie de Espiritismo que existe aqui em Cuba.

Andrecito: Mi primer contacto real con el Espiritismo fue con el libro de los Espíritus. Luego de eso, procure encontrar algún sitio y encontré un grupo que estudiaba el programa de la Alianza.

T: Entre los trabajos que ya ha realizado en la doctrina espírita, ¿cuál considera más rico? ¿O con qué has tenido más afinidad?

A: Yo tengo mucha afinidad con los trabajos mediumnicos y con la evangelización infantil. Y por supuesto con la mocidade.

Y: Amo a juventude espírita, a evangelização. Eu



Yohania Martí Pompa
Centro Espírita Aprendices del Evangelio de la Habana
Cidade La Habana, Cuba
Obras de la Casa Espírita en las que participas o ya has participado: Evangelización Infantil, Asistencia Espiritual, Exposición de clases, equipo de curso de expositores de Escuela de Aprendices y de Evangelización Infantil
Libro: O Evangelho Segundo o Espiritismo

gosto de expor aulas.

T: ¿Cómo están presentes los ideales espíritas en tu vida diaria, fuera del centro espírita?

Y: Ohh com muita conexão... Agora é um momento que estou mais atenta ao que aprendi.

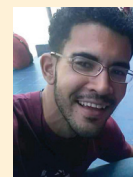
A: Ahh en casi todo.

Y: Por exemplo, agora em tempos de pandemia, estamos fazendo vários trabalhos que me ajudam a ficar perto do ideal. También en la forma de pensar, de actuar... Siempre recordando a Jesús para aguantarme. Pues la sociedad de hoy en día está haciendo cosas erradas que van en detrimento de lo que el evangelio enseña... Y viendo eso es que me veo y me digo: no puedo actúa así.

A: En todo momento, la vida nos llama en especial ahora con esta situación actual para no sumarnos a la ola de disciplinas e inconformidad.

T: ¿Alguna vez te ha desanimado el espiritismo? Si es así, ¿hizo algo para cambiar?

A: Siendo sincero, si, hubo momentos; pero no por culpa del Espiritismo, sino de algunas personas y luego



Luiz Andrés Álvarez
Centro Espírita Aprendices del Evangelio de la Habana
Cidade La Habana, Cuba
Obras de la Casa Espírita en las que participas o ya has participado: Mocidade, Evangelização, Grupo Mediumnicos, Curso de Médiuns, Expositor
Libro: Moises, o vidente do Sinai, de Josefa Rosalía Luke Alvarez

comprendí que era un trabajo que tenía que hacer en mí.

Y: Ainda não. Eu vejo na Doutrina um modelo a seguir e eu sei porque meu coração é forte que eu tenho que me apegar a esse estilo de vida.

T: En tus viajes para conocer el Espiritismo con otros amigos en Cuba y en Brasil, ¿qué fue lo más interesante que observaste fuera de La Habana en tu Centro Espírita?

A: Es fácil: el amor y la fraternidad en una expresión que jamás había vivenciado.

Y: A primeira coisa foi ver tanta gente que, como eu, conhecia a doutrina e isso me deixa feliz. Ver quantos de nós somos movidos pelo mesmo ideal pra mim é algo maravilhoso.

T: ¿Algún último mensaje? ¿Para los espiritistas de Cuba o Brasil?

Y: Continue trabalhando ao lado de Jesus mas agora, nestes momentos que ele tanto precisa de nós, continue levando o Programa de Aprendizagem e a doutrina a todas as almas que já estão precisando de luz.

"O sofrimento é o recurso do próprio espírito para evoluir."

Acredito que temos duas maneiras de evolução, ou seja, no amor e na dor. Muitos dizem que na dor e no abandono encontramos Deus e evoluímos. Na EAE, estou encontrando essa verdade e trabalhando o amor, a fé e a caridade.

Sergio Corrêa - 54ª turma
C.e. Redentor - EAED
Santo André/SP
Regional ABC

"Caminhar com Cristo é superar a morte, vencer a vida e ingressar desde já na eternidade."

Estando com Jesus a paz está presente e a evolução caminha junto a mim trazendo a segurança nos momentos difíceis da vida. A vida na Terra é uma grande lição e fazendo as coisas boas desde já é evoluir para minha eternidade.

Renato Marcos Cezande - 25ª turma
C. E. Cairbar Schutel
Americana/SP
Regional Campinas

"Ajude conversando. Uma boa palavra auxilia sempre."

Gosto de praticar a empatia, me colocar no lugar do outro, entender sua dor e o que está necessitando. Uma palavra positiva pode despertar uma motivação positiva, porém, se não souber o que dizer, prefiro me calar para não ser negativa.

Daniela Toth - 51ª turma
Casa de Timóteo Evangelização e
Cultura Espírita
São Bernardo do Campo/SP
Regional ABC

"Nos caminhos de espiritualização o progresso se mede em milímetros."

Na EAE, muito tenho aprendido, mas penso que não estou espiritualizada. Percebo que nada do meu conhecimento tem valor se eu não mudar internamente, trabalhando minha Reforma Íntima e colocando em prática todo o aprendizado.

Sueli Calijur - 1ª turma
Centro Espírita Fraternidade do
Moinho - São Paulo/SP
Regional São Paulo Sul

"Nas lutas habituais, não exija a educação do companheiro, demonstre a sua."

Fiquei focada na palavra "exija", questionando quantas vezes exigi a educação do próximo. Percebendo que ao longo da vida também faltei com a educação, tive um pouco de arrependimento e culpa por não ter tratado o outro como deveria.

Maria Luiza Rosato - 25ª turma
Celuca - Casa Espírita Caminho de
Luz - Campinas/SP
Regional Campinas

"Aliança é um estado de espírito. Estamos à altura dele?"

Considero um ideal. A nova Aliança foi estabelecida por Jesus e está viva na Aliança Espírita Evangélica, cuja finalidade é reviver os valores e ideias do Cristianismo primitivo e exercitar o bem ao próximo em programas de trabalho, estudo e Fraternidade para o bem da humanidade.

Luciana Uint - 43ª turma
Centro Espírita Discípulos De Jesus -
Bela Vista - São Paulo/SP
Regional São Paulo Centro

"A verdade liberta e estimula a redenção."

Quando encaro a verdade, sinto enorme alívio na alma, como se não devesse nada a ninguém ou a mim mesma. Ao conhecer os verdadeiros ensinamentos do Cristo, passei a viver melhor, com mais entendimento e aceitação.

Maria da Piedade Santos - 111ª turma
Cee Manchester
São Paulo/SP
Regional São Paulo Leste

"Nos caminhos da espiritualização o progresso se mede em milímetros".

Em cada dia surge novo aprendizado, porém, comecei o compromisso com o aprendizado através do ESE, depois na Escola de Pais e agora na Escola de Aprendizes do Evangelho. São etapas que me ensinaram a trabalhar a reforma íntima. Nossa dedicação e perseverança valem a pena.

Ricardo Cavaliere - 46ª turma
Casa Espírita Edgard Armond
Santo André/SP
Regional ABC

"O corpo é o templo do espírito."

O corpo físico perfeito e com saúde foi um presente dado por Deus para enfrentar meu processo evolutivo nesta vida. Como forma de gratidão busco cuidar do corpo físico e do espiritual para retribuir esse presente maravilhoso ofertado pelo meu Pai, vigiando sempre pensamentos e ações.

Marcelle Eroles - 69ª turma
Grupo Espírita Razin
São Paulo/SP
Regional São Paulo Centro

Dirigente de EAE, envie-nos, digitado e para o e-mail trevo@alianca.org.br, o melhor trecho de algum tema escrito por seus alunos, informando sempre tema, nome completo do aluno, turma, nome da casa e regional.

Trabalhando juntos por uma EAE cada dia melhor!

Neste último ano, a equipe do Programa de Melhorias de Dirigentes e Expositores esteve mais perto de boa parte dos voluntários envolvidos com as Escolas de Aprendizes do Evangelho através das 6 lives e seus correspondentes grupos de estudo. Foi uma verdadeira força-tarefa envolvendo dirigentes, expositores, assistentes e secretários.

O trabalho consiste basicamente em aprimorar e reviver nossos conceitos da EAE, por isso estamos tão empenhados em estar juntos: ouvindo cada voluntário, compartilhando práticas, aprendendo juntos, com trocas muito ricas. Fizemos questão de solicitar a todos os participantes dos grupos que avaliassem nosso trabalho e o resultado dessas avaliações nos deu confiança para continuarmos na tarefa, pois obtivemos retornos positivos e encorajadores.

Neste segundo semestre, os coordenadores de EAE/FDJ das Regionais da AEE estão se organizando para discussão e aprofundamento dos 6 temas em suas regionais. Sabemos que a contínua revisão desses

conteúdos reforça nosso entendimento e nos coloca em melhores condições de realizarmos nosso trabalho.

Ao longo deste último ano, a partir desta interação com o nosso movimento de Aliança, pudemos detectar necessidades para melhor adequação do processo iniciático das escolas e recebemos de nossa comunidade a solicitação para que nos debruçássemos sobre o Curso de Formação de Dirigentes de EAE, assim que nosso próximo passo será a consolidação deste curso.

Os coordenadores de EAE/FDJ muito nos têm auxiliado, pois quase todas as regionais nos encaminharam o Programa do Curso de Formação de Dirigentes que é praticado atualmente com seus grupos. Agora, estamos trabalhando sobre todo esse material, discutindo cada detalhe, aproveitando as inúmeras experiências que recolhemos de nossos companheiros de ideal que, com tanto amor, vem contribuindo com esse projeto de evangelização do ser.

Nossa ideia é finalizarmos este trabalho ainda este ano, para que no 1º semestre de 2022

possamos apresentá-lo aos aplicadores do curso de todas as regionais, aqueles voluntários que hoje já ministram o Curso de Formação de Dirigentes e no 2º semestre teremos, então, um curso unificado para todas as regionais, validado pelo trabalho conjunto que já é realizado hoje.

A equipe do Programa de Melhoria de Dirigentes e Expositores entende a importância de manter-se ligada a todos os voluntários, ouvindo suas necessidades e questionamentos para o aprimoramento do trabalho que, com tanto amor, realizamos junto aos aprendizes e servidores da EAE, respeitando e fazendo respeitar a conceituação doutrinária de nosso programa com acento na educação evangélica. E para que a missão da EAE se cumpra, somos todos igualmente responsáveis, por isso cada voluntário empenhado com o Evangelho do Cristo nas mãos é chamado para colaborar.

Equipe do Programa de Melhorias de Dirigentes e Expositores/Projeto EAE/FDJ

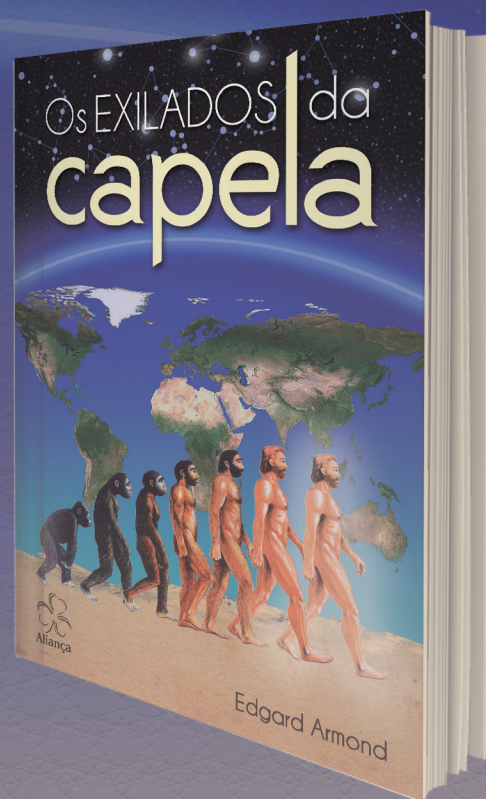
EDGARD ARMOND

A história da evolução espiritual da humanidade é composta de uma trilogia: *Os Exilados da Capela*, *Na Cortina do Tempo* e *Almas Afins*.

OS EXILADOS DA CAPELA

Clássico da literatura espírita, com mais de 250.000 livros vendidos, é uma obra extraordinária que cuida das grandes indagações dos homens acerca do início da humanidade, chegando a inquietante assertiva: a evolução espiritual de uma civilização extraterrestre teve sua continuidade em nosso primitivo e obscuro planeta, trazendo para cá as luzes de um novo progresso combinadas com as lágrimas de um notável processo de regeneração de almas.

16 x 23 cm | 192 páginas



ALMAS AFINS

Aspectos da lei da reencarnação, do carma e da justiça divina, acompanhando a trajetória de Espíritos afins desde os tempos dos continentes submersos da Lemúria de Atlântida, passando pela 18ª Dinastia do antigo Egito, até chegar aos dias atuais.

16 x 23 cm | 128 páginas

NA CORTINA DO TEMPO

Todas as ações humanas ficam registradas no Plano etéreo. Através desse recurso valioso, conhecemos os principais acontecimentos que levaram a última comunidade religiosa da Atlântida a escapar da submersão, salvando suas tradições espirituais e levando a semente da Nova Civilização.

14 x 21 cm | 128 páginas